

Cultura e literatura popular em verso no acervo digital de cordéis da Fundação Casa de Rui Barbosa

Fabício Alves da Silva
Mestrando do PPG Memória e Acervos-
Fundação Casa de Rui Barbosa
falvesalki@gmail.com

Adriana Mesquita Figueiredo
Graduada e Comunicação Social e em Letras
Bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa
amesquitafigueiredo@gmail.com

Recebido em: 06/01/2023
Aceito em: 28/02/2023

Resumo

O portal “Cordel: literatura popular em verso” reúne, em ambiente digital, uma amostra do maior acervo de cordel da América Latina, o qual está sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). O raro acervo passou a ser formado a partir da década de 1960 e por intermédio dele foram elaborados diversos estudos na tentativa de compreender a gênese e demarcar uma historiografia do cordel no contexto brasileiro. Contudo, o cânone legitimado no Brasil vem sendo contestado por pesquisadores que defendem a singularidade da produção nacional, desvinculando o fenômeno da perspectiva escriptocêntrica apresentada nos primeiros estudos que atribuem ao romanceiro ibérico a origem do fenômeno e que ignoram o caráter oralizado da poética brasileira. Este artigo tem o objetivo de evidenciar, através de uma pesquisa bibliográfica e documental, a importância do acervo digital de cordéis disponibilizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, dando destaque aos processos de constituição, organização e acesso à coleção, articulando diferentes noções como as de cultura e identidade, patrimônio imaterial, políticas culturais, diversidade, tradições orais e culturas digitais. Apresenta ainda um levantamento de dez autores e obras representativas disponibilizadas no acervo digital.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Acervos digitais. Cultura brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa

Culture and popular literature in verse in the digital collection of strings of Fundação Casa de Rui Barbosa

Abstract

The portal “Cordel: popular literature in verse” brings together, in a digital environment, a sample of what is considered the largest collection of strings in Latin America, which is under the custody of the Fundação Casa de Rui

Barbosa (FCRB). The rare collection began to be formed from the 1960s onwards and through it several studies were elaborated in an attempt to understand the genesis and demarcate historiography of cordel in the Brazilian context. However, the legitimized canon in Brazil has been contested by researchers who defend the uniqueness of the national production, disconnecting the phenomenon from the scriptocentric perspective presented in the first studies that attribute the origin of the cordel to the Iberian novelist and that ignore the oralized character of Brazilian poetics. This article aims to highlight, through bibliographical research, the importance of the digital collection of twine made available by Fundação Casa de Rui Barbosa, highlighting the processes of constitution, organization, and access to the collection, articulating different notions such as culture and identity, intangible heritage, cultural policies, cultural diversity, oral traditions, and digital cultures. It also presents a survey of ten authors and their most representative works available in the digital collection.

Keywords: Cordel literature. String Literature. Digital collections. Brazilian culture. Fundação Casa de Rui Barbosa

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é normalmente definida como expressão artística que se manifesta de forma oral ou escrita, caracterizada pela métrica e pela rima e que pode estar presente em diferentes gêneros literários como a poesia, o conto, o romance, o teatro e outros. Entre as temáticas mais recorrentes estão o amor, os fatos do cotidiano, as questões religiosas, as injustiças sociais e a política.

Com o passar do tempo, o cordel foi se modificando de acordo com as demandas da sociedade moderna, sem deixar de manter viva a sua tradição no tocante à estrutura em versos (redondilha maior), as rimas e a melodia. Com o desenvolvimento da escrita e, mais tarde, com o surgimento da imprensa, os versos cantados passaram a ser também escritos e impressos em formato de folhetos, atingindo um público maior e letrado, visto que no passado somente uma pequena parte da população era alfabetizada e podia acompanhar a poesia e as histórias através da leitura.

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) disponibiliza à sociedade vários de seus acervos em ambiente digital, este artigo trata do acervo de cordel da fundação, que abriga a maior coleção de folhetos da América Latina, com cerca de 10 mil obras. A coleção foi formada a partir da década de 1960 e dessa iniciativa resultou uma extensa bibliografia composta de catálogos, antologias e estudos especializados.

Com o intuito de preservar e divulgar o acervo, a FCRB disponibiliza em seu site um portal para o banco de dados que reúne e disponibiliza o acervo para consulta on-line por meio de suas referências catalográficas que podem ser consultadas por índices como os de autor, título, assunto, local de publicação, editora/tipografia, data e gênero, na base de dados do Serviço de Biblioteca. Os assuntos utilizados na indexação dos folhetos digitalizados estão listados no vocabulário controlado de cordel, também disponibilizado no portal.

Este artigo é resultado de um trabalho de pesquisa bibliográfica e documental realizado no segundo semestre de 2022 e traduz-se por intermédio de uma metodologia qualitativa, ao articular temas variados, tais como: noções de cultura e identidade, patrimônio imaterial, políticas culturais, diversidade cultural, tradições orais e culturas digitais. Também evidencia um levantamento documental feito no acervo digital, o qual apresenta dez autores representativos que compõem o acervo de cordéis disponibilizado pela FCRB, bem como um folheto de cada autor.

Este estudo foi desenvolvido a partir das seguintes questões: qual a origem, como está organizado e quais são as formas de acessar o acervo de cordéis da FCRB? O artigo tem o

objetivo de evidenciar a importância do acervo para a memória do país, além de articular conceitos-chave para a compreensão da sociedade brasileira por intermédio de um resgate das noções de cultura, identidade e diversidade cultural. Na primeira parte apresenta-se uma abordagem panorâmica do gênero no cenário brasileiro, onde são enfatizados aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos ligados à tradição do cordel. Já a segunda seção do estudo se dedica à compreensão do lugar que a cultura tem na legislação brasileira, dando destaque às políticas culturais efetivadas em diferentes momentos históricos, além de articular noções sobre diversidade cultural, mundialização da cultura e identidades no contexto da pós-modernidade. A terceira parte foca no acervo de cordéis da FCRB, desde a sua constituição até chegar às formas de acesso e uso das informações disponibilizadas na coleção digital.

2 O CORDEL NA CENA BRASILEIRA: CULTURA, SOCIEDADE, POLÍTICA E ECONOMIA

O cordel brasileiro é uma poética que tem sua gênese atravessada pela oralidade das apresentações que ocorriam no Nordeste do Brasil durante o século XIX e o início do XX. As cantorias eram verdadeiros recitais públicos onde os cantadores desafiavam uns aos outros acompanhados por violas ou rabecas; as narrativas eram elaboradas a partir de um mote que permitia a abordagem de temáticas variadas que, por sua vez, eram compartilhadas com o público em forma de versos (ABREU, 1997).

A chamada literatura de cordel nem sempre foi conhecida assim, tal nomenclatura é fruto do trânsito cultural entre Portugal e Brasil e faz referência à forma como os folhetos eram vendidos na Europa pendurados em barbantes, hábito que também passou a ser comum no Brasil. Os consumidores nordestinos a chamavam de “literatura de folhetos” ou, simplesmente, “folhetos”. Os estudiosos, a partir da década de 1970, importaram o termo português e por meio desse contato, entre poetas e críticos, a denominação passou a ser amplamente difundida no Brasil (ABREU, 1999).

Contudo, o cordel brasileiro é radicalmente diferente do português ao estabelecer um modelo rígido que confere uma identidade própria à produção nacional que conta com o uso de esquemas de rima padronizados e com a metrificacão dos versos que conferem ao produto o ritmo e a entonação peculiares das cantorias.

Por tais razões, é importante ressaltar que os cordéis portugueses, que chegaram ao Brasil na bagagem dos colonos lusitanos, não eram, necessariamente, apresentados na forma de poesia, tampouco passavam pela oralidade ou contavam com um modelo preestabelecido que diferenciava a produção, sendo vendidos àquela época, principalmente, os folhetos que contavam narrativas ficcionais em prosa (FONSECA, 2021). Por tais razões, é possível inferir que o suporte físico é o que caracteriza o cordel feito em Portugal, enquanto a produção brasileira é singular na medida em que confere protagonismo à textualidade, independente do suporte utilizado para difusão das elaborações poéticas.

Por meio do cordel se torna possível apreciar um incomparável retrato da cultura brasileira em sua pluralidade de manifestações, territorialidades e identidades que constituem a manifestação literária como objeto de memória ao perpassar variadas áreas do conhecimento, tais como: estudos históricos, linguísticos e antropológicos sobre o povo brasileiro. Essa literatura ilustra, canta e versa sobre fatos variados referentes à história do Brasil, tal qual um documento testemunhal que lança luz sobre as inquietações do povo – poetas, cantadores e ouvintes – com a realidade que os cerca (GRILLO, 2015).

Os estudos voltados à construção da gênese do cordel situam-se no centro de intensos embates teóricos entre pesquisadores que atribuem sua origem ao romanceiro ibérico e os autores que falam do cordel como uma literatura radicalmente diferente, a qual subverte os cânones literários instituídos.

A pesquisadora holandesa Ria Lemaire defende a singularidade do cordel brasileiro. Lemaire é professora na Universidade de Poitiers, e integrou de 1992 até 2008, a equipe do Centre de Recherches Latino-Américaines como coordenadora do projeto de pesquisa “Estudos

comparativos das tradições orais em sua relação com o mundo da escrita”. Também atuou, durante o mesmo período, como diretora do Fundo Raymond Cantel de Literatura Popular Brasileira (ARANTES, 2001).

Raymond Cantel foi um importante pesquisador francês que se dedicou aos estudos da literatura popular brasileira. Cantel iniciou suas pesquisas no Brasil em 1959 e tinha como base a Fundação Casa de Rui Barbosa e o acervo sob a guarda da instituição, o pesquisador também realizou diversas viagens ao Nordeste, onde começou a reunir folhetos e uma série de outros documentos sobre cordel que hoje estão em Poitiers e fazem parte do Fundo Raymond Cantel.

O cânone da literatura de cordel legitimado no Brasil, que tem por base as pesquisas de Cantel, vem sendo contestado por diversos pesquisadores, uma vez que, a abordagem teórica opositora possibilita uma visão distinta sobre o cordel e os cordelistas, diferente da imposta pelo discurso oficial que representava um poeta pobre e inculto que, “às vezes, quando chegava ocasionalmente numa pequena cidade, quando o dinheiro dava, publicava novo folheto para vender na feira. Na verdade, muitos poetas viveram bem da sua poesia” (LEMAIRE, 2010, p. 76).

Tendo por base a pesquisa de Lemaire (2010), é possível afirmar que o cânone oficial também se tornou antiquado e redutor na medida em que ignorou a produção poética de mulheres cordelistas, uma vez que conferiu protagonismo ao suporte impresso e à produção masculina. Tal atitude resultou na exclusão das elaborações construídas nos espaços de oralidade conferindo um caráter escriptocêntrico a historiografia do cordel brasileiro.

Em *O cânone colonial*, Flávio Kothe defende a ideia de que os cânones literários são discursos de exclusão, os quais alegam que aquilo que neles restou é o que havia de mais elevado em uma determinada produção. Para o autor, tal afirmação não se sustenta, uma vez que o cânone representa o que é melhor para quem domina o sistema. Portanto, as historiografias literárias brasileiras revelam ausências de discursos como os dos indígenas, dos negros e das imigrações. Tal silenciamento “não pode ser reduzido apenas à incompetência daqueles que deveriam articular seu discurso. Há uma exclusão implícita no discurso que se profere e se institucionaliza? O poder é o fato e o fator determinante do que pode ou não ser dito, como é dito ou silenciado” (KOTHE, p. 87).

Quanto à propagação dos folhetos de cordel no Brasil, Quintela (2010) ressalta que toda produção literária carece de um sistema editorial para poder circular, portanto, se faz necessário focar em um determinado grupo de leitores disponíveis no mercado ou em um público que possivelmente possa surgir no futuro. Por essa razão, os editores de cordéis desempenharam um papel decisivo na constituição de um público leitor diversificado no Brasil.

Quintela (2010) também destaca o trabalho de um dos mais importantes editores de cordel do Brasil: João Martins Athayde, que seguiu por um caminho diferente do trilhado por Chagas Batista (Paraíba) e Francisco Lopes (Pará) ao especializar-se de forma exclusiva na editoração de cordéis. No ano de 1921, Athayde adquiriu, após a morte ocorrida em 1918, a coleção de folhetos daquele que é considerado o poeta de cordel mais importante do Nordeste: Leandro Gomes de Barros, e partindo desta aquisição o editor iniciou um projeto de padronização de suas publicações com intuito de consolidar sua marca editorial no mercado.

A cultura oral é uma marca representativa na construção da textualidade do cordel, que também está inserido no universo midiático, Bolaño (2015) ao tratar de economia da cultura, apresenta a literatura oral para exemplificar o que Celso Furtado chamou de *autonomia do suporte* que caracteriza a era moderna cuja evolução tecnológica repercute na própria natureza da mensagem.

Na literatura oral, o autor é o próprio suporte da mensagem, e em função evolução tecnológica, mudaram-se as formas de transmitir uma mensagem: “o teatro se desdobrou no cinema, na radionovela, na telenovela; o concerto musical ao vivo, no disco, no cassete, no *compact-laser*” (BOLAÑO, 2015, p. 277). Nesse contexto, em consonância com Gaudêncio e Albuquerque (2017), surge o cibercordel: o cordel nativo digital. Sob a estrutura do ciberespaço, os cordelistas publicam seus versos por meio de *posts* em formatos diversos: texto, imagem, áudio ou vídeo. Os autores salientem que, como pano de fundo para essa reviravolta sofrida

pelo gênero, no que diz respeito ao suporte de difusão, está a elevação do grau de formação acadêmica dos poetas e a celeridade no processo de mediação informacional entre o poeta e o seu público leitor.

Graças ao destaque que tem recebido ao longo de décadas, a literatura de cordel conquistou o título de Patrimônio Cultural Brasileiro em setembro de 2018. Esse título reforçou ainda mais a importância da literatura de cordel e dos acervos, sob a guarda de diferentes instituições brasileiras, para a cultura e para a formação da identidade nacional. A próxima seção, além de tratar de questões conceituais relativas à diversidade e identidade cultural, evidencia a efetivação das políticas culturais brasileiras que culminaram na patrimonialização da literatura de cordel.

3 A CULTURA NA SOCIEDADE: IDENTIDADES E POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL

A cultura é mais que um conjunto de valores ou ideias que devem ser defendidas e promovidas, de acordo com Michel de Certeau (2012), ela se caracteriza como um trabalho que precisa ser realizado em toda a extensão da vida social. A importância da cultura sempre foi reconhecida nos campos das ciências humanas e sociais, contudo, a partir da segunda metade do século XX, tal conceito recebeu um protagonismo maior no seio das sociedades modernas.

No presente, em conformidade com o pensamento de Stuart Hall (2017), a cultura assumiu a centralidade das discussões e dos debates teóricos e conceituais, por tratar-se de um conceito múltiplo e em constante expansão, possuidor de um papel constitutivo para as sociedades. Graças às novas tecnologias e à revolução da informação, a cultura tornou-se primordial para o pensamento, a estruturação e a organização da sociedade moderna tardia, o que possibilitou a expansão dos meios de produção e troca de saberes e práticas culturais no mundo globalizado.

E quanto às políticas para o campo cultural no Brasil? Para compreendê-las precisamos ter em mente que existem conceitos diferentes operando no contexto da América Latina, que comporta espaços atravessados por territorialidades singulares. Para o antropólogo argentino Nestór García Canclini (1987, tradução nossa), as políticas culturais são um conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, pelas instituições civis e pelos grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e chegar a um consenso para uma espécie de ordem ou transformação social.

Historicamente, as políticas culturais no Brasil assumiram diferentes facetas a depender do regime político instaurado em uma determinada época. Desde o Estado patrimonialista imperial, passando pelo nacionalismo getulista até chegar na política de viés antropológico do governo Lula encabeçada pelo Ministério da Cultura sob a gestão de Gilberto Gil que valorizava não só o patrimônio material como também os bens intangíveis da cultura nacional (RUBIM, 2007).

Stuart Hall (2006) coloca em cena outro conceito que tem ganhado centralidade nas discussões teóricas e críticas a respeito das sociedades contemporâneas: a identidade. O autor afirma que as identidades que sustentavam o velho mundo estão em constante declínio graças ao surgimento de novas identidades que provocaram a fragmentação do indivíduo moderno. Tal fenômeno é fruto de um processo de mudança que abala os quadros de referência estabelecidos pelas sociedades. Nesse contexto, os indivíduos passam a questionar as estruturas e os processos que forneciam uma suposta estabilidade ao ordenamento social.

Barbalho (2007) afirma ainda que as discussões em torno da problemática da identidade nacional foram mais fortes no Brasil que em outros países da América Latina em virtude da dimensão continental de seu território e dos processos de ocupação que incluem os colonizadores portugueses, diferentes povos indígenas, africanos, migrantes europeus e asiáticos; além dos representativos fluxos migratórios internos.

As relações de poder que se estabelecem nas sociedades ditam quais bens culturais devem ser conservados e quais podem ser esquecidos. Albuquerque Júnior (2007) salienta que

no século XIX, a cultura das elites, de viés iluminista, era excludente pois se baseava numa estrutura hierárquica que concebia que alguns grupos tinham cultura e outros não. Portanto, naquele contexto, grupos representativos das sociedades eram marginalizados e excluídos juntamente com suas expressões culturais. Quem são os excluídos nas sociedades? Canclini (1997, p. 205) afirma que os “excluídos são aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido ou conservado”.

Quanto às sociedades formadas a partir da contribuição de grupos diversificados, Albornoz e Leiva (2017) destacam a importância da promoção e proteção de grupos minoritários para que a diversidade cultural seja respeitada e incentivada no contexto social, pois a diversidade encontra-se radicalmente ligada a ideia de alteridade que possibilita a compreensão das identidades individuais e coletivas.

Marilena Chauí (2008) afirma que uma sociedade dividida em classes não pode produzir uma cultura que expresse uma comunidade indivisa como proposto pela filosofia e pela antropologia, tal feito seria impossível uma vez que a sociedade de classes institui a divisão cultural. Por essa razão, surgem os conceitos de culturas dominadas e culturas dominantes, cultura de elite e cultura popular. “Seja qual for o termo empregado, o que se evidencia é um corte no interior da cultura entre aquilo que se convencionou chamar de cultura formal, ou seja, a cultura letrada, e a cultura popular, que corre espontaneamente nos veios da sociedade” (CHAUÍ, 2008).

No Brasil, é possível identificar ainda a visão romântica do conceito de cultura, que apesar de prezar pelas culturas populares, também foi concebida por uma elite que entendia o processo civilizatório como uma ameaça à singularidade das culturas nacionais e regionais. As elites românticas letradas assumiram para si a responsabilidade de salvaguardar os bens culturais populares ameaçadas pela civilização e pela modernização. Tais bens deveriam ser preservados, colecionados e ordenados. Além disso, também submetiam estas manifestações a uma purificação daquilo que tinham de “bárbaro, de rústico, de chulo, de ameaçador a ordem pública”, desse controle das elites sobre o popular nasceu a “ciência do folclore” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

No ano de 2010, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel submeteu ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) o pedido de registro do cordel como patrimônio cultural imaterial. Foram oito anos de um trabalho exaustivo que envolveu diversas instituições. Dentre elas, a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) teve um papel importante nesse processo, pois detém sob sua guarda, o maior e mais raro acervo de cordel da América Latina.

Em 2012, de acordo com o Parecer técnico nº 1/2018/DIPESQ CNFCP/CNFCP/DPI (IPHAN, 2018), a Fundação Casa de Rui Barbosa sediou uma reunião organizada pelo Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI/Iphan), o objetivo de angariar a colaboração de instituições responsáveis pela manutenção e guarda de acervos de folhetos de cordel. Atenderam ao convite instituições como a Fundação Nacional Joaquim Nabuco, o Instituto de Estudos Brasileiros/USP, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Cariri, Universidade Federal de Campina Grande e a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desse trabalho coletivo foram elaborados levantamentos bibliográficos e biográficos envolvendo instituições e personalidades importantes para a cultura do cordel no Brasil, também foram identificadas coleções públicas e privadas, além da realização de entrevistas e pesquisas de campo. Até que, no dia 20 de setembro de 2018, a literatura de cordel foi inscrita no Livro das Formas de Expressão, fato que conferiu ao gênero o título de patrimônio cultural imaterial da nação brasileira (IPHAN, 2018).

Portanto, pensar sobre a elaboração e a efetivação de políticas públicas para o setor cultural no Brasil não é uma tarefa fácil. As discussões elaboradas em torno da temática precisam estar ancoradas na noção de que o Brasil é um país de proporções continentais, habitado por mais de 200 milhões de pessoas: uma população diversificada que se originou de uma mistura de identidades que integra diferentes povos que trouxeram, como ingredientes para o caldeirão da cultura brasileira, os seus próprios bens simbólicos.

4 LITERATURA POPULAR EM VERSO: UM ACERVO DIGITAL DE CORDEL

Desde a década de 1960, a FCRB vem ampliando o seu acervo de literatura de cordel. A coleção teve início com o diretor do Centro de Pesquisa: Thiers Martins Moreira. Ele foi responsável pelo recebimento de doações particulares como a de Manuel Cavalcanti Proença com cerca de oito mil folhetos. Posteriormente, outros intelectuais também fizeram doações, como Manuel Diegues Júnior, Orígenes Lessa e Sebastião Nunes Batista (SENA, 2018).

Em seus estudos sobre a coleção de cordel da FCRB, Carolina Sena (2018) afirma que o tratamento técnico do cordel ficava à cargo do Setor de Filologia. Os folhetos que chegavam à casa seguiam direto para esse setor. Lá os pesquisadores liam cada um deles e os classificavam de acordo com os assuntos. Era confeccionada uma ficha, contendo uma sigla, o título do folheto (tal qual na capa), o autor, o editor – que em determinados casos era chamado de editor-proprietário – e, se houvesse, data, assim como o que havia na capa e contracapa e que tipos de estrofes eram versadas.

Como parte de seu propósito de preservar, conservar e disponibilizar a sua rara coleção de folhetos de cordel, a FCRB elaborou em parceria com a Petrobrás e a Faperj, o Projeto Cordel – Literatura Popular em Verso. De acordo com informações contidas no portal, esse projeto previa a elaboração de um *site*¹, além do tratamento técnico e tecnológico, visando a restauração de folhetos, a confecção de invólucros adequados para a guarda, a digitalização do material e a disponibilização do acervo pelo portal. Previa ainda a inserção de registros catalográficos e bibliográficos na base de dados da FCRB, possibilitando a divulgação do acervo, facilitando a pesquisa e o intercâmbio entre instituições detentoras de coleções desse gênero literário.

O *site* está organizado contendo os seguintes tópicos: Apresentação, com o objetivo de fornecer detalhes do projeto; uma lista de 20 poetas e cantadores, com uma breve biografia de cada um. Os autores estão divididos de acordo com o período em que atuaram (1ª e 2ª geração).

O espaço contém também tópicos para acesso ao acervo e à bibliografia, além de disponibilizar o vocabulário controlado usado na FCRB para descrição dos folhetos. Dentre os vinte autores elencados no *site*, foram selecionados dez nomes e títulos representativos disponíveis para acesso na coleção digital. Nas subseções abaixo são apresentadas informações biográficas contidas no *site*. Tais biografias foram levantadas durante a pesquisa que continua em andamento por intermédio dos pesquisadores vinculados ao Laboratório de Humanidades Digitais da FCRB. Além disso, as subseções apresentam um folheto de cada um dos dez autores representados nesta pesquisa.

4.1 POETAS E OBRAS: PRIMEIRA GERAÇÃO

Leandro Gomes de Barros (Paraíba e Pernambuco, 19/11/1865 – 04/03/1918) – Considerado o “rei dos poetas populares de seu tempo” e “pai da literatura de cordel”, o poeta integrou a primeira geração de cantadores e poetas de cordel. Leandro foi um dos poetas que viveu unicamente de suas obras. Em seus trabalhos são encontrados os mais diversos temas, os quais ele abordava sempre com muito senso de humor. Na sextilha “A mulher roubada”² publicada em 1907, o poeta conta que começou a escrever seus folhetos em 1889:

¹ Cordel – literatura popular em verso: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/index.html>

² Leia *A mulher roubada* em: <https://shre.ink/1rq2>

*Leitores peço-lhes desculpa
se a obra não for de agrado
Sou um poeta sem força
o tempo me tem estragado,
escrevo há 18 anos
Tenho razão de estar cansado.*

Antonio Ferreira da Cruz (Paraíba, 1876-1954) – Foi operário, contramestre de tecelagem e a partir dos anos 30 se tornou cantador e poeta. Pela ausência de registros bibliográficos sobre o autor, muitas de suas obras foram catalogadas sem referência. As informações que se têm foram transmitidas oralmente por outros poetas e também por pesquisadores. Personalidades e temas religiosos foram temas abordados em suas obras, entre elas, destaca-se o clássico “Visita de Lampião a Juazeiro”³.

João Melquíades F. da Silva (Paraíba, 07/07/1869 – 10/12/1933) – O poeta fez parte do Exército. Em 1897 participou das campanhas de Canudos e do Acre em 1903. Promovido a sargento, deu baixa no Exército em 1904. Fixou residência em João Pessoa, estado da Paraíba, local onde se casou e teve quatro filhos. Em suas obras fez descrições da Paraíba, em especial sobre a Serra da Borborema. O poeta adotou o título de “Cantor da Borborema”. Dentre os folhetos do autor destaca-se “Victoria dos aliados: a derrota da Alemanha e a influenza hespanhola”⁴ no qual versa sobre Segunda Guerra Mundial.

Francisco das Chagas Batista (Paraíba e Pernambuco, 05/05/1882 – 26/01/1930) – Foi poeta popular, escritor, editor. Em 1913, o poeta fundou a Livraria Popular Editora, onde editou paródias, modinhas, novelas, contos, poesia e se firmou como um dos intelectuais da época. Francisco foi um dos editores de cordel pioneiros tendo imprimido obras de diversos poetas populares da época, exceto de João Martins de Athayde. O cangaço é o tema que mais recebe destaque em sua obra, em “Antônio Silvino: vida, crimes e julgamento”⁵, o poeta versa sobre a vida de crimes do antecessor de Lampião, Antônio Silvino é um dos cangaceiros mais famosos da história do Brasil.

Severino Milanês da Silva, pernambucano de Bezerros (18 de maio de 1906 - Vitória de Santo Antão, 1956/1967) tanto era bom no improviso da cantoria, quanto nos romances, e alguns deles ficaram imortalizados na memória popular, visto sua predileção pelas histórias de amor e de príncipes e princesas de reinos imaginários. Nesse ponto, teve influência direta de Leandro Gomes de Barros, herdeiro e recriador do acervo tradicional europeu, que nos chegou da Península Ibérica pela voz dos colonizadores. O folheto “História das três princesas encantadas”⁶ representa bem a sua preferência pelas temáticas fortemente presentes nas novelas ibéricas.

4.2 POETAS E OBRAS: SEGUNDA GERAÇÃO

Gonçalo Ferreira da Silva (Ceará e Rio de Janeiro, 20/12/1937 – 21/10/2022) – Nasceu na cidade de Ipu, no Ceará, e aos 13 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, cidade onde cursou o 1º e 2º grau no Liceu Literário Português e graduou-se em Letras na PUC/RJ (1973). Aos 18 anos foi trabalhar na Rádio MEC. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Literatura de

³ Leia *Visita de Lampião a Juazeiro* em: <https://shre.ink/1rqS>

⁴ Leia *A victoria dos aliados* em: <https://shre.ink/1rWA>

⁵ Leia *Antônio Silvino: vida crimes e julgamento* em: <https://shre.ink/1rd6>

⁶ Leia *História das três princesas encantadas* em: <https://shre.ink/cr7y>

Cordel (ABLC) em sete de setembro de 1988, com sede no histórico bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, sendo presidente da instituição por vários anos. Muitos dos seus trabalhos foram traduzidos para idiomas como o francês, inglês, alemão, espanhol, japonês, italiano e hebraico. De alcance temático amplo, sua obra versa sobre lendas, crenças, romances, política, biografias, fatos circunstanciais e históricos, enriquecendo-se, em especial, com a presença de temas relacionados ao cangaço, à ciência e à filosofia. Dentre os cordéis do autor disponíveis no acervo, destaca-se o título “Meninos de rua e a chacina da Candelária”⁷ durante a qual foram assassinados oito jovens em julho de 1993.

Raimundo “Santa Helena” Luiz do Nascimento (Paraíba, Ceará e Rio de Janeiro, 06/04/1926 – 03/11/2018) – Sua obra traz trechos autobiográficos, reforçando a construção de uma imagem de si constituída através de uma trajetória de vida bastante peculiar, que tem como ponto de partida a morte de seu pai pelo cangaceiro Lampião, durante a invasão do bando no sertão de Cajazeiras, na Paraíba, em 9 de junho de 1927. O poeta fugiu de casa aos 11 anos de idade com um canivete para vingar a morte do pai. Em Fortaleza, foi acolhido por uma professora e lá estudou, trabalhou e entrou para a Escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará. Santa Helena, na Marinha, participou da Segunda Guerra Mundial e estudou nos Estados Unidos, o que colaborou para a composição de cordéis bilíngues, tendo publicado por ocasião da ECO-92 um dos seus trabalhos mais conhecidos “Brazilian Amazônia”⁸. Entre os assuntos abordados em suas obras encontram-se os ligados a informações midiáticas, o cangaço, biografias de figuras importantes como Tancredo Neves e Getúlio Vargas, educação sexual e a saúde de um modo geral.

João Martins de Ataíde (Paraíba e Pernambuco, 23/06/1880 – 1959) – Seu primeiro folheto “Um preto e um branco apurando qualidades” foi publicado em 1908 e impresso pela Tipografia Moderna. Foi editor das obras de diversos poetas. Além disso, foi com ele que mudanças significativas ocorreram entre elas: a relação entre os poetas e o proprietário da gráfica e a apresentação gráfica dos folhetos. Ele fez surgir os contratos de edição com o pagamento de direitos de propriedade intelectual, o uso de subtítulos e preâmbulos em prosa e a sujeição da criação poética ao espaço disponível, fixando-se o padrão dos folhetos pelo número de páginas em múltiplos de quatro. Dentre suas obras, destaca-se “As proezas de João Grilo”⁹: famoso anti-herói do cordel que ganhou ainda mais notoriedade após sua inserção na peça *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna.

Manoel Pereira Sobrinho (Paraíba e São Paulo, 08/08/1918 – 1959) – Nasceu em 8 de agosto de 1918, no distrito de Passagem, município de Patos, no sertão paraibano. Não se sabe quando e como se inicia na poesia popular, mas em 1948, está instalado em Campina Grande, onde funda sua própria editora de folhetos, a Casa Pereira. A Casa Pereira continua funcionando, porém, até 1956. A vasta obra poética de Manoel Pereira Sobrinho pode ser dividida em duas categorias principais. A primeira, pouco extensa, corresponde aos folhetos políticos, em que ousa atacar figuras importantes da época. Nestes, utiliza uma linguagem particularmente violenta, que lhe rende inimizades e alguns problemas, como os dias passados na prisão, por ter insultado a polícia em um de seus folhetos. A segunda categoria de folhetos, majoritária, corresponde aos chamados “romances”, em que Manoel Pereira transpõe muitas vezes, para a linguagem popular, obras eruditas consagradas nacional ou internacionalmente. Nos anos 1960, no entanto, Manoel Pereira Sobrinho desaparece sem deixar rastro. Segundo depoimentos, teria deixado a poesia popular para ser pedreiro, antes de morrer, anonimamente, em 1995. Destaca-se entre seus folhetos a adaptação para o cordel da famosa obra de Alexandre Dumas “O Conde de Monte Cristo”¹⁰.

⁷ Leia *Meninos de rua e a chacina da Candelária*: <https://shre.ink/1rdB>

⁸ Leia *Brazilian Amazônia* em: <https://shre.ink/1r4T>

⁹ Leia *As proezas de João Grilo*: <https://shre.ink/1ro7>

¹⁰ Leia *O Conde de Monte Cristo*: <https://shre.ink/1rpT>

Rodolfo Coelho Cavalcanti (Alagoas, Piauí e Bahia, 08/08/1918 – 1959) – nasceu em Rio Largo (AL) em 1919. Entretanto, consta do registro de nascimento a data de 1917. Adolescente, percorre parte do Norte e Nordeste, atuando como camelô, palhaço de circo, dentre outras atividades. Desde essa fase, já se faz notar como bom versejador, participando de pastoris, cheganças e reisados. Em Parnaíba (PI), adquire folhetos do poeta e editor João Martins de Athayde para revender, começando assim sua vida de folheteiro. Instala-se em Salvador (BA), em 1945, firmando-se como defensor e líder da classe de poetas. Realizou na Bahia, em 1955, o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros. Como jornalista, fundou alguns periódicos, como *A Voz do Trovador*, *O Trovador* e *Brasil Poético*. Percorreu vários temas da literatura de cordel, os mais recorrentes foram os abecês, biografias, cantorias e fatos do cotidiano. Morreu em 1986. Pouco antes, enviou trova para o II Concurso de Trovas de Belém do Pará: “Quando este mundo eu deixar / A ninguém direi adeus / Dos poetas quero levar / Suas trovas para Deus.” Dentre suas obras, destaca-se um folheto no qual aborda problemas políticos e econômicos que afligem o povo brasileiro, intitulado “Política, inflação e carestia estão matando de fome os brasileiros”¹¹.

O portal não abriga a coleção de cordéis da FCRB na íntegra, apenas uma amostra de 20 autores está disponível no *site*. Até o momento, novembro de 2022, foram identificados mais de 250 autores no acervo. A organização das coleções, assim como a digitalização de folhetos são algumas das ações implementadas para tratar e preservar a que hoje é a maior coleção de literatura de cordel da América Latina e também a mais rara. Hoje, o conjunto conta com, aproximadamente, 10 mil exemplares. Desses, cerca de 6.400 folhetos já estão disponíveis em versão digital no Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais (RUBI).

A iniciativa teve início em 2019, quando a FCRB obteve recursos do Ministério da Cultura (MinC) para digitalizar o acervo de cordéis e a sua inclusão no RUBI, estando o gerenciamento do projeto a cargo do Serviço de Biblioteca em parceria com o Serviço de Preservação (SEP) e o Laboratório de Humanidades Digitais (LABHD).

Atualmente, os folhetos físicos também podem ser consultados no Setor de Biblioteca com pesquisas agendadas ou pela base de dados da FCRB. Pela base de dados o pesquisador tem acesso às referências da obra. Os folhetos são catalogados como Literatura de Cordel (LC), acompanhados do número de entrada que o item recebe ao chegar à biblioteca, o título, o nome do autor, o assunto e a editora. Cada obra tem uma classificação numérica, com localização fixa nos armários, de acordo com a sua ordem de entrada no acervo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura brasileira é dinâmica, viva e múltipla. Dessa forma é possível perceber que o cordel é uma manifestação de toda a diversidade cultural que o Brasil abriga nas suas variadas territorialidades. Ao contrário do que imaginavam os folcloristas quando profetizaram o surgimento de uma cultura brasileira homogênea que frutificaria a partir dos bens culturais oriundos da contribuição dos diferentes povos que constituem a cultura nacional, tais bens, na medida em que o tempo passou, se mantiveram indissolúveis no caldeirão, e é por esta razão que fala-se em culturas africanas, culturas indígenas e culturas ibéricas/lusitanas e culturas das imigrações quando se estuda o campo dos saberes e das práticas culturais no Brasil.

A expectativa é de que o presente artigo possa contribuir para as discussões acerca da trajetória da literatura de cordel, de sua importância na formação da Literatura Brasileira, da cultura, da identidade nacional e da arte popular. Espera-se, ainda, que ele possa reiterar a decisão do Iphan em considerar o cordel como um patrimônio cultural imaterial e, além disso, ressaltar a importância das coleções de literatura de cordel como fonte de pesquisa e de informação para pesquisadores, estudiosos e para o público em geral. A existência e a permanência de tais coleções comprovaram a importância do cordel para a cultura nacional.

¹¹ Leia *Política, inflação e carestia estão matando de fome os brasileiros*: <https://shre.ink/1rp8>

Por isso é tão importante que instituições detentoras de coleções desse gênero, como a Fundação Casa de Rui Barbosa, mantenham uma política de organização, preservação e conservação de seus acervos, como forma de manter viva a memória do cordel. Para isso são necessários investimentos e constantes atualizações com vistas a garantir a democratização do acesso ao acervo por parte do público.

Diante do exposto, conclui-se que a cultura no Brasil é uma área carente de políticas públicas. Portanto, aos pensadores e fazedores de políticas culturais, cabe a construção de políticas democráticas, participativas e inclusivas que acolham a diversidade de saberes e práticas culturais que coexistem no território brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos.

Algarve: **Revista Elo**: estudos de literatura oral, v.3, n.19, 1997. Disponível em:

<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/1416>. Acesso em: 16 ago. 2022.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).

ALBORNOZ, Luis A., LEIVA, Maria Trinidad Garcia. Diversidad Cultural, Industria Audiovisual Y Gobernanza. In: ALBORNOZ, Luis A.; LEIVA, Maria Trinidad Garcia (ed.). **Diversidad e industria audiovisual**: el desafío cultural do século XXI. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2017. Disponível em <http://diversidadaudiovisual.org/wp-content/uploads/2020/10/Libro-FCE-Cap1.pdf>.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Gestão ou gestação pública da Cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado na produção cultural contemporânea. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas.

Políticas culturais no Brasil. Salvador: Edufba, 2007. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/138/4/Políticas%20culturais%20no%20Brasil.pdf>.

Acesso em: 15 nov. 2022.

ARANTES, Silvana. **Cordel subverte o cânone**. 2001. Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2602200106.htm>. Acesso em: 25 out. 2022.

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Edufba, 2007.

Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/138/4/Políticas%20culturais%20no%20Brasil.pdf>.

Acesso em: 15 nov. 2022.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. Cultura brasileira, política e economia. In: BOLAÑO, César

Ricardo Siqueira. **O conceito de cultura em Celso Furtado**. Salvador: Edufba, 2015. Disponível

em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28659>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CERTEAU, Michel de. A cultura na sociedade. In: CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 7.

ed. Campinas: Papirus, 2012.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de**

Ciencias Sociales. Buenos Aires, v. 1, n. 1, jun. 2008. Disponível em

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: Acesso em:

15 nov. 2022.

FONSECA, Maria Gislene Carvalho. Cordel brasileiro: materialidades da voz e do corpo em performance. **Animus: Revista Interamericana Midiática de Comunicação**, Santa Maria, v. 20, n. 42, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/43932>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (Rio de Janeiro). **Cordel: literatura popular em verso**. [2022]. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

GAUDÊNCIO, M.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. Representação semântico-discursiva de cibercordéis. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 129-153, jan/abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245231.129-153>. Acesso em: 28 jan. 2022.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 15 nov. 2022.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IPHAN. **Parecer técnico nº 1/2018/DIPESQ CNFCP/CNFCP/DPI**. 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20%C3%A9cnico%20DPI\(4\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20%C3%A9cnico%20DPI(4).pdf). Acesso em: 26 out. 2022.

KOTHE, Flávio. **O cânone colonial**. Brasília: Ed. UnB, 1997.

LEMAIRE, Ria. Pensar o suporte: resgatar o patrimônio. In: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

QUINTELA, Vilma Mota. A edição popular no Brasil: o caso da literatura de cordel. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, p. 41-50, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/GfWCnSzQwkDQRVrdMJrDCZg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 03 fev. 2022.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/138/4/Políticas%20culturais%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

SENA, Carolina Carvalho. **A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: organizando uma memória dispersa**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Memória e Acervos, Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/86705038/>. Acesso em: 15 nov. 2022.